



cei

suplemento

Janeiro de 1971

25

É POSSÍVEL REFORMAR O CULTO?

O culto é entediante. Só serve para reunir pessoas e não cria, em nada, uma comunidade. É um momento que não corresponde a nada do que se passa durante a semana, é um parêntese fora das atividades do momento. Representa a ditadura intelectual do clero, que é o único que tem o direito de falar...

De forma alguma, dizem outros cristãos. O culto nos enriquece. A liturgia é forma viva e o responsório permite que todos participem no desenrolar do serviço religioso. É um dos raros lugares em que se encontram, em volta da mesma mesa, classes sociais e pessoas de idades e preocupações diferentes. No culto recebe-se, em conjunto, a Palavra de Deus, que nos fará viver durante a semana. É momento privilegiado que deve manter sua natureza de "coisa diferente", "santa"...

É muito razoável que se confunda ritualismo com liturgia. Porque é exatamente o que acontece, mesmo no momento em que a Igreja e seus teólogos refletem sobre a natureza do culto. A resposta gira, em geral, em torno de expressões como: auscultar a vontade de Deus; confessar pecados; anunciar a graça; confessar a fé; meditar nas Escrituras (ou proclamá-las); orar; Santa Ceia ou Eucaristia. Ninguém dirá: o culto é uma expressão de alegria, medo ou solidão; de pobreza, ou desligamento; de fome, ou justiça ou de sentimento semelhante, um "estado d'alma", como se dizia antigamente, situação que é tão comum na vida quotidiana.

V E N T O S D E R E F O R M A

Fala-se muito em reformar o culto. Por quê? Para torná-lo mais atraente, para fazê-lo competir com outras formas de reunião? Para atrair determinada camada da população? Para procurar linguagem inteligível para as pessoas da igreja ou para aqueles que lá foram por acaso? Ou então pra ver na assembléia comunitária o prolongamento da existência quotidiana de seus membros? Ou ainda para que a relação secular entre Deus e os homens apareça, com toda a sua atualidade, na vida atual e não apenas como fragmento de um aspecto folclórico, testemunha de um passado muito rico?

São indagações e experiências que não têm nada a ver com a moda do momento. Procuram devolver ao culto o papel eminente que deve ter na vida de cada um de nós e ao mesmo tempo na vida da nossa sociedade.

Atualmente experiências e pesquisas aparecem em todos os lugares, entre católicos e protestantes. Determinado grupo convida certa paróquia a participar da "missa" ou do "culto" anteriormente preparado. As reações são tão variadas quanto as fórmulas, meios e objetivos pretendidos. Freqüentemente, apesar de todas as explicações preliminares, a tentativa parece artificial e dá a impressão de ser uma concessão feita à moda. Isso acontece porque a experiência está inserida num contexto que não se modifica. É que existe, um conjunto de textos ou de atitudes praticamente intocáveis, cuja supressão representaria para muitos praticantes a destruição do culto.

E X P E R I Ê N C I A S

Em certas ocasiões foi possível "inventar" uma forma cultural de culto. Esses cultos não nasceram e morreram durante as reuniões, congressos ou conferências ecumênicas simplesmente porque eram de caráter experimental. Não foi esse caráter que fez com que eles nascessem e morressem durante encontros, congressos ou conferências ecumênicas. Os autores dessas novas formas de adoração eram comunidades espontâneas providas de diversas denominações. Mas os movimentos de população, por sua vez, (dentro das cidades, do campo para a cidade, nos fins de semana e nas férias de verão), porventura não criam igualmente comunidades que se renovam periódicamente? Certo pastor dizia que sua paróquia de 7 em 7 anos se renovava em cerca de 80%. Por outro lado, os casamentos mistos, a ausência de local de culto da "nossa denominação", podem levar muitos católicos, calvinistas, luteranos, batistas, e outros a se encontrarem num mesmo lugar para adorar a Deus num ato ritual.

Em segundo lugar, essas experiências surgiram de uma comunidade concretamente reunida para determinado trabalho, com um objetivo comum. Não se destinavam a uma comunidade a ser reunida ainda, mas a um grupo já reunido. Por isso, são as "comunidades" que preparam cultos desse tipo, com formas bastante particulares. Daí, igualmente, ser compreensível a decepção que se tem quando se olha fotografias desses cultos: não entendemos, achamo-los ridículos, exagerados, de mau gosto, com ar de circo, baile ou teatro de variedades. Pensamos nisso porque "não estamos na onda" (e nunca poderemos estar). A comunicação (se é que ela existe) se verifica dentro daquele grupo que viveu o culto, que o inventou, quando aquela invenção correspondia a um momento de suas vidas, ou a um momento da vida do grupo. Eis aí um dos problemas: não se refaz um culto experimental, nem se pode copiá-lo. Ele representa acontecimento. Mas, por isso mesmo, não é precisamente um culto verdadeiro?

Em terceiro lugar: um culto experimental exige muito tempo de preparação. Não é feito em uma hora, às pressas. Exige que o grupo esteja reunido. As vezes a participação consiste mais na preparação do que na execução. O resultado deve representar o trabalho de todos, uma oferenda comunitária e não apenas uma seqüência de atos individuais, por mais "religiosos" que possam ser...